

O BRASIL IDÍLICO E MÍTICO: IMAGINAR O MUNDO AO SOM DO RUGIDO DA ONÇA

Patrícia Names*

INTRODUÇÃO

Na narrativa construída por Michéline Veruschik, em *O som do rugido da onça* (2021), a autora desenvolve seu argumento tomando como base a chegada de dois exploradores e colecionistas alemães no Brasil, os quais, a partir da relação construída por estes com os indígenas, começam a buscar e adquirir artefatos considerados significativos da cultura e identidade brasileira para levar para a Alemanha. Nesse jogo entre os personagens principais, é explorada a cosmogonia indígena e o modo como ela subjaz e ordena, o ser e estar no mundo da etnia a que pertence. Argumento esse que serve como base para a coisificação da infância e permite aos pais das crianças indígenas darem-nas aos exploradores e colecionadores para que, estes, as levassem para Alemanha.

Nesse sentido, o que se observa no decorrer da obra é um processo de desumanização do indígena – e sua consequente transformação em mercadoria – dado que, muitos daqueles que saíram de terras brasileiras para ir para Alemanha, morreram no caminho e lá nunca chegaram. Já, aquelas duas únicas crianças que chegaram ao destino, é reservado um espaço na exposição e uma condição de vida precária manifesta na relação que a menina Ite-e tem com seu animal totemônico – a onça – que, demonstra a inquietude do povo da floresta, frente à situação e ao destino reservado à essas crianças.

OBJETIVOS E METODOLOGIA

Toda obra literária traz em si uma perspectiva de mundo, ou seja, um modo de pensar e ver a realidade. Neste sentido, o presente estudo busca explorar o modo como Michéline Veruschik reconstrói em seu livro *O som do rugido da onça* (2021) dois modos de pensar e imaginar o Brasil, um que traz o ponto de vista do colonizador, outro do colonizado. Com isto, busca-se, a partir de uma exegese do texto em si, explorar o modo que, a partir do ponto de vista de dois personagens, um Brasil pastoral e poético ganha forma e, no mesmo tempo, do ponto de vista do outro (do indígena), busca-se explorar esse Brasil mítico, reconstruído a partir dos povos originários do Brasil.

Outrossim, dados preliminares do estudo apontam que entre o poético e mítico, habita o dor, o sofrimento, a morte do outro que, atravessada pelo encontro entre o colonizado e colonizador, coo no tempo atual itinerários de dor, perda e sofrimento, que ainda hoje se fazem presentes entre as populações marginais de nosso país.

DISCUSSÃO E REFERENCIAL TEÓRICO

Do Brasil pastoral e poético

No livro *O som do rugido da onça* (2021) esse Brasil pastoral e poético é retratado a partir do ponto de vista de dois personagens: o zoólogo alemão Johann Baptist von Spix e o botânico alemão Carl Friedrich Philipp von Martius.

Conforme nos mostra a narrativa apresentada no livro, tem-se que estes naturalistas desembarcaram no Rio de Janeiro, em 1817, como dois cientistas da Academia de Ciências da Baviera junto ao que ficou conhecida como expedição científica austríaca ao Brasil, cujo encargo era pesquisar, desbravar o interior do Brasil e registrar as suas impressões sobre a fauna, a flora e os povos que no Brasil habitavam naquela época. Conforme conta a história, Spix e Martius chegaram ao Brasil fazendo parte da comitiva da arquiduquesa austríaca Maria Leopoldina, que viajara para o Brasil para casar-se com Dom Pedro I.

Conforme consta em *Viagem pelo Brasil (1817-1820)* Spix, como zoólogo, encarregou-se de investigar o reino animal, ou seja, a fauna brasileira. Da mesma forma, Martius, como botânico, assumiu o encargo de pesquisar o reino da flora tropical do Brasil. Além disso, os pesquisadores também estavam incumbidos de pesquisar sobre: a língua, o folclore, os mitos e tradições históricas. Ainda, deviam analisar o estudo de civilização e história dos habitantes do Brasil.

Do Brasil idílico e mítico

No que se refere a esse Brasil mítico que também se faz presente na mesma obra, temos que esse nos é revelado a partir da história de Ite-e, uma menina de 12 anos, de etnia Miranha, que foi levada do Brasil em 1820, pelos cientistas Spix e Martius, sendo posteriormente mostrada numa exposição em Munique, na Alemanha, ao lado de diversas plantas e espécies nativas subtraídas do Brasil. Os territórios indígenas Miranha estão na Amazônia e seus representantes viveram não só no Brasil, mas também na Colômbia.

Sendo assim, com sempre na cosmogonia Miranha, Michéline Veruschik, logo no início do livro, descreve o momento em que Nirmuc criou o mundo quando nos coloca que:

Quando Nirmuc criou o mundo, o fez a partir de seu próprio corpo. O mundo é esse ser gigante que mal distinguimos se somos ditados, mas que se aproximou a vista encarnou nos em seus detalhes. Há uma elegância no mundo por vezes depreendida na pressa com que as pessoas vão se acomodando e viver. Em seus cabelos se entrançavam de igual modo os fios de fogo, de água, de vento e de terra (VERUSCHIK, 2021, p. 7).

Com efeito, é através de uma linguagem imagética que a autora vai contando a história da criação e do desaparecimento dos animais, como no caso do excerto a seguir:

Em seu rosto se irromperam lagostas e macacos, rãs e anfíbios, formigas e quatiá, buba flava e serpentes, todo sentimento de amparo que conhecemos, além daqueles que desconhecemos: os animais sem nome, ainda não descobertos, não catalogados, sem taxonomia, os animais desaparecidos. Uma gigantesca libela alçou-se a cima do mundo e se zeda, rugelindo e si própria. Inimigos, búfalos e macacões colaram seus pés, impelindo, trancos, após impulsionados e flores de diversas cores e formatos acastelaram-se em petalão, boças, pernas, sexo (VERUSCHIK, 2021, p. 7).

Ao falar a respeito da aparência do mundo, a autora concede outra dimensão aos sentidos pelos quais a palavra Nirmuc pode ser compreendida:

Um suor amargo escarpado de rochas e cristais irrompeu folhagens em rufidos, em de formidáveis tamanho, abrindo fendas em seus concêes minerais. O peso do mundo é instável, ora macho, ora fêmea, ora macho e fêmea, ora algo que não podemos definir: um polígrafo, esse meio inintencional para o movimento. A população do mundo é também instável. Muitas vezes seu misto se aligera como que feito de lagostas e frutas, avessos milhares irrompem de presbiteriais na terra, entre edifícios. Muitas vezes assume o aspecto de uma grande e desenvolvidamente avá. Seus olhos, no entanto, são sempre feixes multicoloridos (VERUSCHIK, 2021, p. 7-8).

Tal visão, o povo Miranha conhece e compreende bem:

Nirmuc ofereceu sua criação aos primeiros deuses, os animais primordiais. E com eles que os povos precisam negociar para comer, para beber, para construir casas, edifícios, iglus, ladeiras, muros, favelas. E o eles que se deve procurar contos do mundo criado até que a terra vier feita em estado, dos exércitos explodidos, dos camuflados, entulhados, dos rios enturados e das minúsculas partículas de plástico que incham no ventre dos oceanos. E o eles que devemos prestar contas. E eles cobram (VERUSCHIK, 2021, p. 8).

Para o povo Miranha, *Yipai ur*, a onça é a deusa da Caça, aquela que todos devem temer e respeito, porque a onça permite que vivam em seus domínios. Quando Ite-e era muito pequena desapareceu do seu povo e só foi encontrada horas depois, na beira de um rio, em companhia da onça *Yipai ur*. A menina estava intacta e foi a partir daí que começaram as desconfianças do pai da criança, de que a menina havia feito um pacto com a onça, e por conta disso, agora, era a criança inimiga como a onça, de todos da tribo.

Ite-e de covetas. Ppo um, a onça, a seu lado, a cada batido ritmadamente de um lado para o outro, como quem espera, como quem vela, sendo deixado a criança intacta e segura até o chegada do seu povo, quando foi embora (VERUSCHIK, 2021, p. 18).

O pai acreditava que aquele evento (Ite-e junto da onça) era um sinal de maldição:

Ela um dia se transforma e nos desvota e indos, como Nuncetina se transformou em jaguar, acabou a pai certa vez, contando a mãe entre irritada e amedrontada pelo destino que via se desvota para a filha (VERUSCHIK, 2021, p. 18).

Já para o avô da criança, que consultou o sabedoria do toco, o encontro injusto de Ite-e e a onça era uma dívida. Pois a menina crescerá com pensamento na onça:

onça vive de um grande sono,
onça engata os melancos capaduros,
onça adorna enchendo a mata de reverência e ternos,
onça cultiva os frutos na categoria do inimigo.
(VERUSCHIK, 2021, p. 18).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no exposto, pode-se perceber que a construção narrativa traída pela autora permite constatar que, por um lado, há no caso dos alemães a construção de um relato verossímil da realidade constante em seus diários e anotações e que o personagem em si representa e traz a história dele mesmo. E que, por outro lado, no que se refere à menina indígena, esta, se distancia da realidade empírica e é remetida a um mito-práxis que está para além do tempo presente, movimento esse que, através da narrativa construída pela autora do livro produz uma imagem idílica e mítica de um não lugar que está para além daquele que é explorado nos diários e relatos dos alemães.

Ainda nesta direção, percebe-se no decorrer do texto que há, também, uma relação entre dominados e dominadores, entre colonizador e colonizado, de modo que a separação e o ser visto como inimiga pela tribo faz com que, essa, permita que ela seja levada para o velho continente e que, do ponto de vista mítico, a profecia e o fato de ela manter com a onça uma relação durante toda a viagem, como nos relata a autora, só vem a se fazer cumprir o seu destino.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SPIX, J.; MARTIUS, C. *Viagem pelo Brasil (1817-1820) / Spix e Martius*. Vol. 1. Tradução de Lúcia Furtado Lutzmeyer. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2017. Disponível em: < <https://www2.camara.org.br/atividade-legislativa/comissao/573991> >. Acesso em 23 de out. de 2022.

VERUSCHIK, Michéline. *O som do rugido da onça*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

Disponível em: < <https://sua.companhiadaletras.com.br/autor/micheline-veruschik> >. Acesso em 24 de out. de 2022.

*Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Letras – Teoria da Literatura – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS – Brasil